

## Introdução: Roteiro para uma pesquisa / roteiro para uma viagem

“Continent, city, country, society: the choice is never wide and never free. And here, or there... No. Should we have stayed at home, wherever that maybe?”  
Elizabeth Bishop, “Questions of travel”, in *The complete poems: 1927-1979* (94)

***Chegada** – Já estava quase tudo pronto para o período de estudos na Universidad Nacional de Rosario. Consegui alugar um quarto no Centro para os trinta dias na Argentina, perto da universidade, no mesmo apartamento onde alguns estudantes da PUC-Rio ficaram no semestre anterior. A passagem estava comprada e o seguro de saúde feito. Meu voo estava marcado para o dia 29 de outubro, às 17h. A chegada em Rosário seria no dia 30, porque consegui apenas um voo longuíssimo, com conexão em Porto Alegre e quatro horas de espera pelo próximo avião. No dia seguinte da minha chegada, havia um seminário marcado com a professora Ana Paula Kiffer. É engraçado viajar até a Argentina e assistir às aulas de um professor da sua universidade, mas o tema me interessa.*

O poema de Elizabeth Bishop que abre essa introdução é destacado também por Caren Kaplan em seu estudo *Questions of travel* (1996), em que analisa a questão da viagem, principalmente, na modernidade e na pós-modernidade, investigando as diferenças entre os termos (deslocamento e viagem) e as múltiplas categorias de mobilidade (turismo, exílio, trabalho...). A autora detecta um fascínio já na era moderna pela experiência da distância e do estranhamento, que se estende ao longo do tempo e funciona como uma chave de leitura para diferentes períodos da história.

O predomínio de metáforas de viagem e deslocamento no corpo do trabalho crítico sugere que a era moderna é fascinada pela experiência da distância e do

estranhamento, reproduzindo essas noções através de articulações da subjetividade e da poética <sup>1</sup>(Kaplan, 1996, p.1)

Toda sua investigação não foca no deslocamento de indivíduos, mas na construção de categorias críticas que indiquem ideias e práticas específicas. Os diferentes termos que caracterizam pessoas em deslocamento (imigrantes, nômades, refugiados...) são citados e analisados, mas servem mais como metáforas. O objetivo é investigar o que representam quando utilizados nos estudos críticos e o que têm a dizer sobre o período histórico em que são empregados.

Além disso, os termos viagem e deslocamento têm sua significação bem especificada. Segundo Kaplan, viagem, por exemplo, é um conceito que representa tanto movimentos motivados pelo prazer quanto pelo comércio, que foi de essencial importância na expansão do Ocidente. Enquanto que, para ela, o deslocamento se refere mais ao movimento das massas. Eles ainda são associados e relacionados com uma série de outras ideias, todas conectadas e pertencentes a um mesmo universo, como as categorias de movimento, localização, lar, diásporas e fronteira. A autora pensa o valor de cada uma delas quando empregadas pela crítica contemporânea.

O livro de Kaplan foi dos primeiros que tive em mãos, quando decidi usar a viagem como caminho para ler a literatura contemporânea produzida em países da América Latina. E me apontou a necessidade de justificar com clareza as razões da escolha e de tomar cuidado para que a palavra viagem não passasse a ser usada como metáfora para os mais diferentes assuntos. Estipulei, logo de início, que viagem e deslocamento dentro da pesquisa significariam realmente o movimento no espaço, mesmo que acabassem por fazer o leitor ou o protagonista da história transpor algum outro tipo de fronteira conceitual, por exemplo. Os textos selecionados se referiam realmente ao cruzamento de territórios, mobilidade entre países.

O porquê da escolha do caminho me parecia bastante claro: as viagens tinham marcado a cultura da região e a vida dos escritores latino-americanos até meados do século XX. Por isso, me pareceu importante escrever um capítulo que

---

<sup>1</sup> Tradução minha para: “The prevalence of metaphors of travel and displacement in this body of critical work suggests that the modern era is fascinated by the experience of distance and estrangement, reproducing these notions through articulations of subjectivity and poetic.” (Kaplan, 1996, p.1)

traçasse essa trajetória e provasse a afirmação, observando como o discurso dos primeiros viajantes marcou de forma tão forte quem tentava traçar o caminho das letras, a forma como esses escritores viam as produções artísticas e eram vistos.

Quando li o poema de Bishop pela primeira vez, achei que se enquadrava nas buscas dos primeiros escritores da região: “a escolha nunca é ampla nem livre”<sup>2</sup>. Os caminhos que trilhavam seguiam regras e tendências que chegavam de fora. Neste caso, a viagem não significa metáfora alguma e sim os discursos produzidos pelos deslocamentos mesmo: as descrições dos primeiros viajantes, as viagens dos escritores em busca de conhecimento ou aprendizagem além mar, as trajetórias que buscavam uma forma de valorização do trabalho... Os autores da região e seus escritos acabaram marcados por toda uma herança herdada da origem.

Ainda há resquícios da tradição desses relatos de viagem na produção contemporânea? Essa era uma das questões que justificavam uma rápida olhadela para os primeiros textos de viagem produzidos na região. Nesses deslocamentos é possível perceber que há sempre uma busca e um *outro* como centro. Um *outro* que o autor desse relato em movimento procura usar como referência para suas ações. Observei, portanto, essas características nos textos de deslocamento do passado e nos relatos de viagem contemporâneos. Nestes, ainda havia um *outro* e uma busca que motivava o protagonista em sua partida e, na maioria das vezes, permanecia presente ao longo de toda a história. Nos textos atuais que integram a pesquisa, entretanto, os personagens estão diante de uma alteridade que não se rende, e a busca parece revelar uma tentativa de encontrar algum sentido, um pertencimento, uma explicação, algo que acabe com uma sensação de vazio, que explique todos os mistérios.

No ensaio “Sujeito e identidade cultural” (1991), Eneida Maria de Souza escreve motivada pela publicação, nas últimas décadas do século XX, de muitos textos que analisavam a questão da alteridade nas Ciências Humanas. A maioria dos textos citados pela autora foi publicada na França, mas representa a preocupação de autores europeus sobre essa questão do *outro*: “espaços, portanto, em que o espírito colonizador ainda não desapareceu de todo, repetindo-se, de forma diferente, na ameaça existente pela invasão dos ‘bárbaros’” (Souza, 1991,

---

<sup>2</sup> “the choice is never wide and never free”

p.35). As inquietações começam, no período, a gerar eco nos trabalhos críticos de países periféricos, seguindo os passos das manifestações artísticas e transformações ocorridas nas Ciências Humanas.

Torna-se obsoleta a busca do sentido pleno, como obsoleta é toda tentativa de captação da totalidade do objeto. Interpretando enquanto categoria capaz de instaurar o sentido, o paradoxo rompia com o caráter unívoco do objeto, na medida em que a pluralidade interpretativa diluía a ideia de sentido como verdade absoluta. (idem, p.36)

O *outro* deixa de ser o 'bárbaro' rotulado e se relativiza, encontra-se até dentro do próprio sujeito. Freud há tempos alertava para a existência desse estrangeiro dentro de cada um, e Julia Kristeva em seu *Estrangeiros para nós mesmos* (1994) reforça a existência de um mundo em que, cada vez mais, todos se sentem estrangeiros, *outros*, deslocados.

Os textos contemporâneos selecionados para esta pesquisa estão de acordo com esse panorama descrito por Eneida. Um mundo descentrado, em que o *outro* é cada vez menos exótico, menos visto como bárbaro, e pode acabar encontrado dentro do próprio autor-personagem que vaga em seu cruzar de fronteiras, criado em movimento, como uma ficção necessária dentro da história.

A intenção, mesmo quando optei por dedicar grande parte de um capítulo a esse olhar para o passado, foi pensar a produção do presente. O que a viagem tem hoje a dizer sobre o escritor e os seus escritos contemporâneos? Ainda há um *outro* pautando esse deslocamento? Ainda pode ser pertinente pensar essa produção atual tendo a viagem e o deslocamento como pontos de partida? Os escritos selecionados revelam uma viagem contrária à dos navegantes: autores nacionais vão para o estrangeiro. Mas o que interessa é pensar o que o tema da viagem e o deslocamento dos personagens ainda podem acrescentar à narrativa. Essas foram questões que estiveram presentes durante toda a pesquisa. Depois que os textos foram analisados, outras perguntas foram surgindo. Todas as histórias me levaram a questionar ainda: qual o lugar do escritor latino-americano hoje? Nesse caso, refletir sobre o que estes textos falavam sobre a busca de um lugar de pertencimento, em como o mundo contemporâneo acaba afetando esse escritor e a sua maneira de produzir, em como ele pensa seu ofício e sua inserção no mundo.

A opção de analisar textos sobre viagens e deslocamentos seguia, portanto, dois propósitos: o tema parecia marcar a tradição da região e a forma como a literatura local tinha sido analisada, construída e percebida por muito tempo. E, ainda, revelava os deslocamentos, as fronteiras elásticas e a rapidez do mundo contemporâneo. Era uma forma também de pensar sobre como esse escritor latino-americano via sua própria condição (já que as narrativas analisadas são autoficções, isto é, o protagonista da história se assemelha ao próprio autor do livro, realidade e ficção aparecem, portanto, mescladas ao longo do relato, e se referem sempre a viagens a trabalho).

Os deslocamentos têm sido também apontados por pensadores e críticos como uma marca do mundo atual. Em, *Por uma antropologia da mobilidade* (2010), por exemplo, o antropólogo Marc Augé detecta uma mobilidade *sobremoderna*<sup>3</sup> como marca contemporânea. Ele explica:

A mobilidade sobremoderna exprime-se nos movimentos de população (migrações, turismo, mobilidade profissional), na comunicação geral instantânea e na circulação dos produtos, das imagens e das informações. Ela corresponde ao paradoxo de um mundo onde podemos teoricamente tudo fazer sem deslocarmos e onde, no entanto, deslocamo-nos. (...) É preciso dizer que a mobilidade sobremoderna corresponde muito largamente à ideologia do sistema da globalização, uma ideologia da aparência, da evidência e do presente que está pronta para recuperar todos os que tentam analisá-la ou criticá-la. (idem: p.15-16)

Um mundo onde há facilidade de deslocamento, de pessoas, produtos, mensagens. Facilidades que, teoricamente, diminuiriam a necessidade de mobilidade, mas que, curiosamente, acabam por estimular esse movimento, como se os homens se esforçassem para acompanhar um tempo acelerado, que empurraria o indivíduo a viver em uma espécie de presente contínuo. Isso quer dizer “após a derrota infligida pela história às grandes utopias do século XIX, em tempos de comunicação instantânea das imagens e das mensagens, não ousamos mais imaginar o futuro e temos o sentimento de viver numa espécie de presente perpétuo onde os eventos se acumulam, mas não fazem sentido” (idem: p.8).

A imagem do deslocamento utilizada e escolhida por Marc Augé para caracterizar a vida contemporânea, a mobilidade, condiz com outras teorias desenvolvidas por teóricos do nosso tempo, como a imagem do líquido perseguida

---

<sup>3</sup> O sobre, segundo ele, “designa a superabundância de causas que complica a análise dos efeitos” (Augé, 2010: p.15).

pelo sociólogo Zygmunt Bauman por tantos de seus livros. O líquido virou um dos conceitos-chave de sua obra: a modernidade líquida, que caracterizaria o tempo presente e que leva a pensar em um mundo que corre incessantemente, obrigando os homens a acompanharem o seu movimento.

Observar escritos contemporâneos em que o autor se coloca como personagem em movimento seria ver como esse escritor lida com a herança desse *outro* que por tanto tempo serviu como meta para analisar a produção da região. Ao mesmo tempo, seria um ponto de partida para pensar na integração deste autor no mundo contemporâneo, nesse tempo teoricamente descentrado, de fronteiras flexíveis, que facilita e, ao mesmo tempo, o empurra para um ir e vir.

A leitura da obra de Marc Augé me fez, ainda, traçar um paralelo entre a figura do etnólogo e do escritor, pensando nesse autor que perseguiu um *outro* ao longo da história e no etnólogo como um profissional que busca desvendar um *outro* em seus estudos. Augé classifica o profissional como aquele que persegue um conhecimento impossível. Ele afirma:

É possível conhecer-se? A questão tem realmente sentido? Podemos conhecer realmente os outros? Conhecemos realmente aqueles de quem gostamos e estamos próximos? O etnólogo cedeu um dia à tentação de crer que conheceria certos outros, alguns outros, uma etnia, uma cultura. (...) Ele se dá conta um dia que passou sua vida se fazendo as mesmas perguntas e que nenhum novo deslocamento no espaço poderá lhe trazer respostas mais claras. (idem: p.80)

Ao mesmo tempo, ele defende que esse profissional, acostumado a olhar sobre outros pontos de vista, estaria mais apto a pensar esse tempo atual. Um olhar descentrado para observar um tempo idem. “Seu modo de existência defasado, descentrado, torna-o, talvez, mais familiar em relação a outros no mundo de hoje, no qual, nós vimos, as noções de centro, de periferia e de fronteira estão em crise” (idem: p. 84).

O escritor latino-americano também estaria mais apto a ler esse mundo contemporâneo, acostumado ele também a estar fora do centro, a buscar outros pontos de vista? Com essas questões em mente, segui com o objetivo de selecionar escritos contemporâneos sobre deslocamentos. A intenção era fazer uma reflexão sobre a produção latino-americana contemporânea, a partir dos pontos de vista já explicados nessa introdução. Eu me via, porém, obrigada a reduzir ainda mais o corpus, não apenas em tipos específicos de narrativas, mas

também na nacionalidade dos autores dos livros. Optei por analisar livros de autores brasileiros e argentinos, respeitando a própria viagem que estava prestes a realizar: entre o Brasil e a Argentina. E observando ainda a grande quantidade de escritos contemporâneos publicados nos dois países que apresentavam essas mesmas características: livros em que o autor criava um personagem que se assemelhava a si mesmo e que cruzava fronteiras pelo mundo em viagens a trabalho. Como os dois países tiveram origem, formação, história e questões semelhantes, a primeira parte do capítulo um, que trata de alguns deslocamentos do passado, se refere sempre ao escritor latino-americano, de forma mais abrangente. A especificação só aparece quando a análise se volta para a produção contemporânea. Foi assim que cheguei aos quatro principais livros analisados nesse estudo: *Nove noites* (2003), de Bernardo Carvalho; *Una luna* (2009), de Martín Caparrós; *Mis dos mundos* (2008), de Sergio Chejfec e *Lorde*, de João Gilberto Noll (2004). Dividi os textos em dois grupos diferentes, criando um capítulo para cada um deles: narrativas em que o autor-personagem em viagem a trabalho realmente ia ao encontro de um *outro* e textos em que o *outro* acabava sendo construído ao longo da história, como uma nova face desse autor em movimento.

Não foi fácil chegar a uma definição clara dos textos escolhidos: romance, diário de viagem, crônica, ensaio... Os gêneros se misturam nas quatro histórias analisadas. Todas se referem a uma espécie de diário de viagem ficcionalizado. São também autoficções, uma categoria já difícil de definir, mas que mistura realidade e ficção na composição do protagonista da história, criando uma espécie de jogo. Este apresenta muitas semelhanças com o próprio autor e percorre caminhos que o escritor do livro já frequentou também. Em muitos casos, as semelhanças são reforçadas pela foto do autor na orelha da publicação, presente no lugar em que a história se passa, como é o caso do livro de Bernardo Carvalho. Não importa, porém, o quanto de ficção ou realidade há no relato, o que realmente ocorreu ou o que foi simplesmente inventado. O francês Philippe Lejeune, nos anos 70, já defendia que não importa diferenciar se se trata de um romance ou de uma autobiografia, o que é ficção ou realidade, mas o pacto criado pelo leitor ao se deparar com a obra.

Ele não se irriquieta mais em saber qual, a autobiografia ou o romance, seria o mais verdadeiro. Nem um nem a outra: à autobiografia “faltaria” a complexidade, a ambigüidade etc, ao romance a exatidão, isso seria (ou: isso significa), portanto: um mais o outro? Melhor: um em relação ao outro? O que deveria revelar é o espaço no qual se inscreve as duas categorias de textos, e que não é reduzível a nenhuma das duas categorias de textos, e que não é reduzível a nenhuma das duas. Esse efeito de relevo obtido por tal procedimento é a criação, pelo leitor, de um espaço autobiográfico.<sup>4</sup> (Lejeune, 1996, p.42)

Para mim, os textos me pareceram uma forma de valorizar a viagem como maneira de pensar questões que atingem a literatura e o escritor contemporâneo. Uma maneira de o escritor pensar a si mesmo e a profissão através da ficção. Por apresentarem também características de ensaio, eles refletem sobre a literatura e o ofício de escritor na contemporaneidade. A meu ver, optar pelo formato da autoficção é também uma tentativa de aprofundar estas questões, criando um escritor em espelho que reflete sobre seu tempo e sua profissão.

Em *Crítica cult* (2007), Eneida Maria de Souza detecta, no ensaio “Notas sobre a crítica biográfica”, o autor não mais como um ser ausente de seus escritos, mas como um ator no cenário discursivo, ultrapassando os limites do texto e alcançando o território biográfico histórico e cultural. Um autor que passa a construir, dessa forma, uma figura de escritor, ao inserir elementos de sua vida na obra.

O autor, ao ser visto como modelo pelo outro e contribuir para o seu desejo de tornar-se escritor, atrai muito mais pela sua postura, seu gesto mundano de personagem no meio dos mortais (...). A figura do autor cede lugar à criação da imagem do escritor e do intelectual, entidades que se caracterizam não só pela assinatura de uma obra, mas que se integram ao cenário literário e cultural recomposto pela crítica biográfica. (Souza, 2007, p.110)

Nos quatro livros analisados, as autoficções aparecem ainda como construções de figuras de escritores em movimento e possibilitam que o leitor reflita sobre todo um grupo, realizando o movimento do indivíduo para todo o conjunto que ele representa. “Essa inserção do intelectual no texto por ele

---

<sup>4</sup> Minha tradução para: “Il ne s'agit plus de savoir lequel, de l'autobiographie ou du roman, serait le plus vrai. Ni l'un ni l'autre; à l'autobiographie, manqueront la complexité, l'ambigüité, etc, au roman, l'exatitudo, ce serait donc: l'un plus l'autre? Plutôt: l'un par rapport à l'autre? Ce qui devient révélateur, c'est l'espace dans lequel s'inscrivent les deux catégories de textes, et qui n'est réductible à aucune des deux catégories de textes, et qui n'est réductible à aucune des deux. Cet effet de relief obtenu par ce procédé, c'est la création, pour le lecteur, d'un 'espace autobiographique.’” (Lejeune, 1996, 42)

assinado responde, de certa forma, por uma abertura enunciativa, considerando-se que o sujeito se posiciona tanto como indivíduo quanto como representante de determinado grupo” (idem, p. 111).

Por este motivo, resolvi mesclar também o formato desta pesquisa, me incluindo como personagem viajante e misturando as impressões da viagem e as análises críticas. A intenção, ao optar por esse formato, foi apontar reflexões individuais que abrissem a questionamentos, muito mais do que defendessem algum tipo de conclusão fechada. Os trechos que funcionam como diários da viagem são impressões pessoais sobre os locais visitados e as reflexões e análises teóricas refletem também pontos de vista sobre determinadas questões. Não importa o quanto de verdade e ficção existe no relato, o que realmente ocorreu ou o que simplesmente foi inventado, todos os elementos contribuem para a construção de determinados pensamentos e ideias.

Eneida em seu artigo reflete também sobre a crítica que mescla formatos, dialogando com diferentes vertentes do pensamento literário.

Ao se considerar a vida como texto e as suas personagens como figurantes deste cenário de representação, o exercício da crítica biográfica irá certamente responder pela necessidade de diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada, ressaltando o poder ficcional da teoria e a força teórica inserida em toda ficção. (idem, p. 113)

Uma crítica que borra as fronteiras entre gêneros e entre realidade e ficção, tratando tudo como elementos do texto. A crítica teria, desta forma, seus elementos ficcionais, assim como a ficção adquire força teórica. Escolher esse formato de escrita, me pareceu propício para estimular reflexões como essa.

Optar por uma análise que partiu de uma pergunta (*A viagem e o deslocamento ainda servem para se pensar a literatura produzida hoje em países como o Brasil e a Argentina?*) e foi se desdobrando em outras questões (como, por exemplo: *Qual o lugar do escritor latino-americano no mundo de hoje?*), me levou, em alguns momentos, a cair em repetição. Me pareceu necessário voltar a determinadas ideias e questões de quando em quando, para que o tema não se perdesse pelo meio do caminho, para que a reflexão voltasse aos eixos, quando novas ideias provocavam desvios na análise.

*Enquanto acertava os últimos detalhes da minha estadia argentina, enviando e-mails e realizando uma série de telefonemas para Rosário, conversando com pessoas que quase nunca entendiam o que eu queria dizer, me lembrei de escrever em um papel e colar, bem no lado de dentro da mala, a frase que abre o romance Budapeste, de Chico Buarque: “Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira” (Buarque, 2003, p. 5). A intenção era usá-la como estímulo, toda vez que alguém chamasse atenção para a minha pronúncia torta ou consertasse alguma palavra em português, mal empregada em uma frase quase toda em espanhol. Mas também que me servisse de lembrança do risco que eu tinha escolhido assumir ao escolher o tema e definir o corpus da minha pesquisa. Não é fácil falar de uma cultura outra, que não a sua. Optar por analisar romances argentinos, além dos brasileiros, poderia me levar a interpretar determinadas questões sem uma bagagem que só quem já há muito frequenta a cultura é capaz de identificar. O outro desafio seria trabalhar com a literatura contemporânea, um conhecimento que ainda se forma, com a produção de escritores que ainda estão escrevendo suas obras e mudando seus caminhos. Não há uma distância no tempo que permita melhorar o enfoque sobre o objeto de estudo. Estava, porém, decidida a seguir em frente.*

Mas, inspirada pelo poema de Bishop, ainda me pergunto: “Deveríamos ter ficado em casa, onde quer que isso seja?”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Tradução minha de: “Should we have stayed at home, wherever that maybe?”



Universidad Nacional de Rosario